

6. EVOLUÇÃO CULTURAL NA PESCA NO BAIXO SÃO FRANCISCO ALAGOANO: ABORDAGEM ETNOECOLÓGICA COM ÊNFASE NAS ESTRATÉGIAS DE PESCA

Em seu percurso até a foz, o rio São Francisco, apresenta variações na sua fisionomia, retratando mudanças na paisagem, clima e cultura. Para este estudo a região do Baixo São Francisco foi dividido estrategicamente em três áreas de trabalho de campo (Figura 28):

- Área I: trecho próximo à foz, compreendendo os municípios de Piaçabuçu, Penedo e Porto Real do Colégio;
- Área II: trecho compreendendo os municípios de Traipú, Belo Monte e Pão de Açúcar;
- Área III: trecho compreendendo os municípios de Piranhas, Olho d'Água do Casado e Delmiro Gouveia.

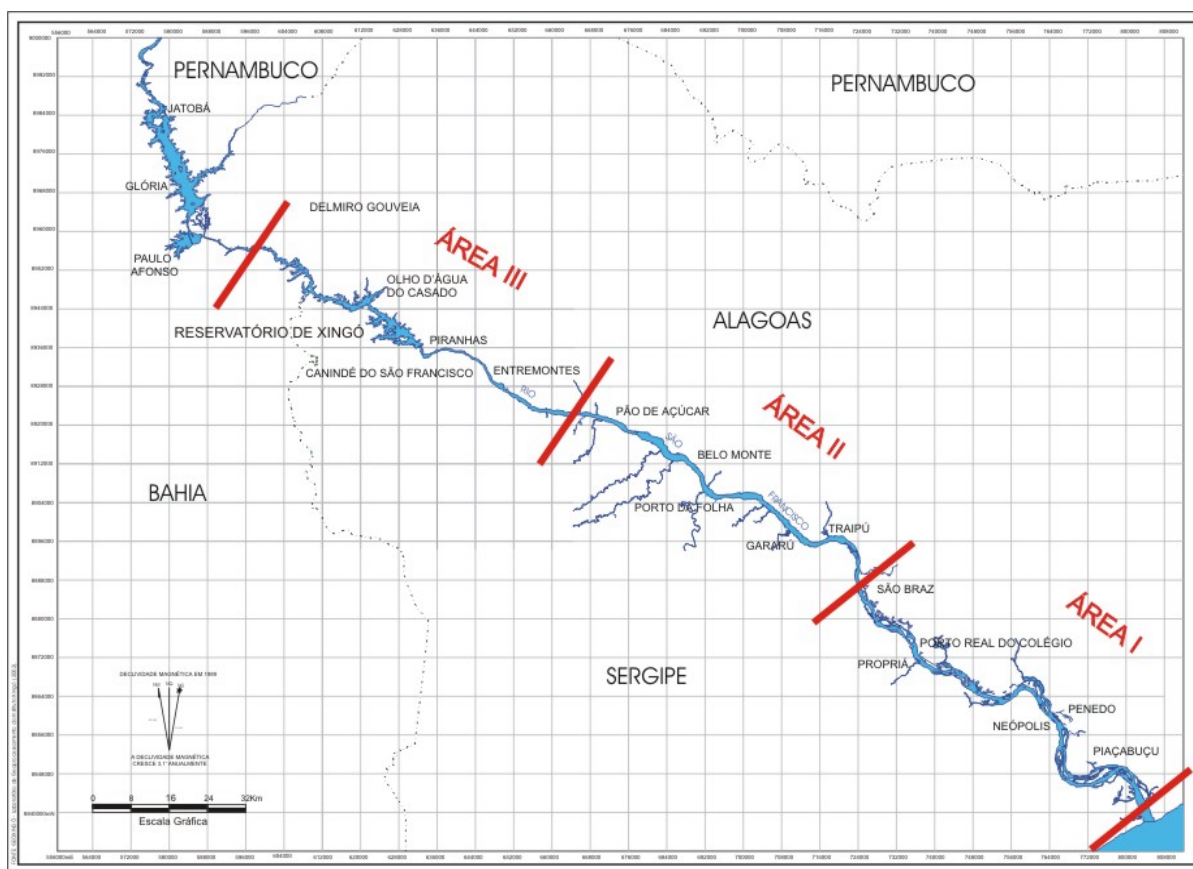


Figura 28. Divisão das áreas de abordagem etnoecológica.

A metodologia utilizada para resgatar a história da pesca no Baixo São Francisco, a partir da visão dos pescadores, foi a das entrevistas onde se buscou a coleta de dados objetivos (estratégias de pesca) e subjetivos (motivações) de natureza individual e coletiva. Numa amostragem maior dos entrevistados, foi usada a técnica da história oral ou relato, tal como depoimentos sobre a pesca, cujo objetivo principal foi a narração de fatos que os pescadores presenciaram, experimentaram ou que através de alguma forma conheceram. Para as entrevistas com os pescadores mais antigos, além dessa técnica, foi usada em alguns casos, a técnica de história de vida com a finalidade de reconstruir os acontecimentos vivificados por eles, e como se deu a transmissão das experiências adquiridas ao longo do tempo.

O contato com as comunidades de pescadores foi feito sempre que possível por meio das Colônias de Pescadores. Os pescadores mais antigos foram inicialmente, indicados por membros da Colônia e posteriormente os entrevistados, apontavam outros nomes reconhecidos por eles como “verdadeiros pescadores”, essa técnica conhecida como “bola de neve” é muito eficiente como método de coleta de dados. A obtenção de dados por meio de entrevistas não é uma tarefa fácil, pois é fundamental que haja entre pesquisador e pesquisado além de um clima de confiança recíproca uma espécie de “empatia” para que se estabeleça um verdadeiro “rapport”. Evidentemente que para uma pesquisa de curto prazo é natural que haja dificuldades na coleta de dados nas comunidades que o pesquisador está freqüentando pela primeira vez, daí a razão da maior obtenção de dados às vezes mais em uma comunidade que em outra.

Para conhecer a história da matéria-prima utilizada na confecção dos “covos”⁴ foi utilizado o método da etnoecologia abrangente proposto por Marques (1995) cujo núcleo central consiste na identificação das bases conexivas, isto é, como os pescadores se conectavam com o ambiente no pretérito e atualmente.

6.1. Organização social dos pescadores

No Baixo São Francisco existem atualmente seis colônias de pescadores:

- Colônia Z-19 - Piaçabuçu;
- Colônia Z-12 - Penedo;
- Colônia Z-18 - Traipú;
- Colônia Z-20 - Pão de Açúcar;
- Colônia Z-30 - Piranhas; e
- Colônia Z-26 - Delmiro Gouveia.

Há também associações de pescadores, uma em Entremontes, distrito de Piranhas, uma em Olho d’Água do Casado, citando apenas algumas delas. Aparentemente poderia se pensar que, os entraves na atividade de pesca estariam sendo bem discutidos na comunidade dos pescadores, em virtude do grande número de colônias e associações.

Na verdade os problemas são muitos, e a grande falta de apoio governamental para o desenvolvimento de capacitação administrativa e de preparação dos pescadores para uma gestão participativa, tem sido talvez a causa principal da fraca atuação da categoria na defesa de seus direitos.

Daí a razão urgente de serem financiados projetos que visem o melhoramento da habilidade técnica e social das comunidades de pescadores para participarem nas decisões de gerenciamento.

Os pescadores registrados na Colônia de Pesca de Penedo pertencem a diferentes comunidades, assim identificadas:

- Marituba dos Peixes (De cima); *
- Marituba dos Peixes (De baixo); *

⁴ Covos-apetrecho de pesca nos quais os animais (peixes e crustáceos) entram atraídos por isca e dificilmente conseguem sair.

- Várzea Nova;
- Murici;
- Riacho do Pedro;
- Marcação;
- Capela;
- Ponta Morfina;
- Marizeiro;
- Igreja Nova;
- Cajueiro; *
- Xinaré; *
- Sobrado; *
- Tapera;
- Barra;
- Castro ;
- Colégio; *
- Penedo * propriamente dito; e
- Quanto a Colônia de Piaçabuçu * são registrados os pescadores pertencentes as comunidades de:
 - Penedinho; *
 - Mandim; *
 - Potengi * (Figura 29);
 - Pixaim * (Figura 29).

(*) municípios e povoados visitados.



Figura 29. Trecho do Baixo São Francisco localizando os Pov. Potengi e Pixaim onde residem populações de pescadores da área I. Fonte: CODEVASF, 2002.

Um dos grandes problemas na pesca reside exatamente, na falta do controle de acesso ao rio por parte dos pescadores e dos órgãos responsáveis pela pesca. Assim verifica-se que os pescadores profissionais (registrados na Colônia) não são os únicos a exercerem a pesca, há os pescadores clandestinos, que vivem preferencialmente da pesca, mas que não se registram como profissionais.

De acordo com os pescadores profissionais entrevistados, os pescadores clandestinos seriam mais desinformados sobre as portarias que regulamentam a pesca e pouco interessados no cumprimento da legislação, e conseqüentemente exerceriam mais a pesca predatória. Entre os principais tipos de pesca predatória elencados pelos pescadores (Figura 30) destaca-se a pesca de bater ou batida como a mais freqüente e responsável por maiores danos.

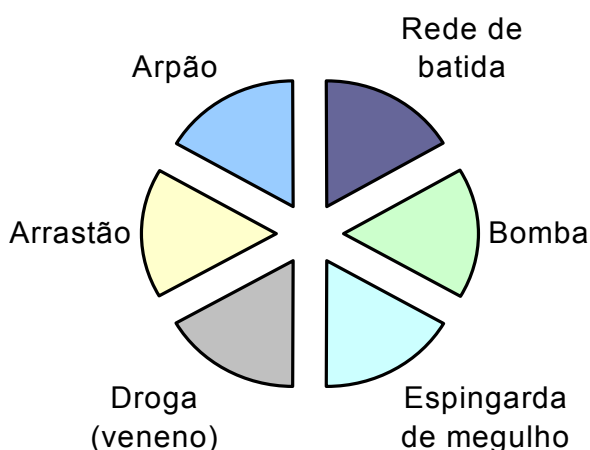


Figura 30. Tipos de pesca predatória citadas pelos pescadores do Baixo São Francisco.

De fato, observa-se que os pescadores profissionais ou artesanais são em geral filhos de pescadores com quem aprenderam desde pequeno as técnicas de pesca. Entretanto, em virtude do empobrecimento cada vez maior, muito deles vêm exercendo a pesca de forma “clandestina”, sem o registro profissional.

Esse fato tem gerado situações conflitantes resultando em dois tipos de “pescadores clandestinos”: a) os filhos de pescadores (“herdeiros da “tradição” na pesca”) que possuindo habilidade para viver e sobreviver da pesca mas sem registro profissional; e os “clandestinos” de fato, que, fazendo da pesca um “meio-de-vida” atuam preferencialmente com redes proibidas ou com malhas fora da regulamentação oficial.

6.2. Recorte temporal da pesca

As “sociedades humanas” existem num determinado espaço vivendo o presente marcado pelo passado projetando o futuro. Sanchez (1997), ao estudar os caiçara e a Estação Ecológica da Juréia-Itatins, identificou fases e marcos históricos nessas comunidades; em cada uma dessas fases havia referência temporal associada com seu modo de vida (“tempo dos antigos”, “tempo do palmito”, “tempo da Nuclebrás”, “tempo da ecologia”).

A partir desses recortes, o aspecto que chamou mais atenção, foram as mudanças significativas de suas atividades cotidianas e da sua relação com o ambiente material em função dos distintos contextos.

Os pescadores do Baixo São Francisco percebem que há pelo menos uma década, o “tempo do rio” não está mais associado ou marcado pelas grandes cheias do rio, que regulavam a pesca e suas vidas, com suas águas, ora “sujas” (pós-cheia), ora “limpas”.

Para aqueles, sobretudo os mais velhos, as grandes cheias sempre estiveram associadas a muita “comida” para os peixes e à entrada destes nos riachos, lagoas e poços para se criar, dando muita fartura nos anos seguintes. É possível resgatar da memória dos pescadores, a descrição de fenômenos físicos, biológicos, sociais e culturais dos tempos da pesca (Quadro 14).

Quadro 14. Identificação dos fenômenos físicos, biológicos, sociais e culturais dos “tempos da pesca” na percepção dos pescadores de Traipú e Piranhas-Alagoas.

Identificação de fenômenos na pesca	“Tempo antes da CHESF” ou antes do Xingó	“Tempo depois da CHESF” ou Tempo depois do Xingó
Físicos	Época das cheias, tempo das águas “sujas” e “limpas”; da “vazante geral”; “riponto”; de o rio encher os riachos, lagoas e poços;	As cheias começam a rarear, os fenômenos físicos do rio já não ocorrem anualmente. A água do rio, com o passar dos anos, é mais de “águas limpas”; quase não há tempo de “águas sujas”.
Biológicos	Época da “influência” da subida dos peixes para a reprodução; “a craibeira tá florindo, é sinal que a tubarana tá subindo, chegando”.	Muitas espécies de peixes não sobem mais o rio, e as que sobem desovam, mas os peixinhos não vingam; o pitu já não ocorre em abundância; “os calumbi” (plantas) sumiram dos “beijos-d’água”. Hoje a craibeira tá florindo, mas tem pouca tubarana subindo...
Sociais	Poucas famílias; maioria dos pescadores são parentes, mais atos de reciprocidade.	Problemas sociais graves com o declínio da pesca; aumento da pesca predatória e de pescadores clandestinos.
Culturais	“tempo dos coronéis”; “tempo de lampião”; “tempo da ferrovia”.	“Tempo do turismo”; “tempo dos tanques-rede”; “tempo do Programa Xingó”; “tempo das ONGs”.

Alguns fenômenos emicamente percebidos por pescadores que vivenciaram essas ‘cheias’ tais como: “riponto” (chegada das primeiras águas) e “vazante geral” (início da vazão) e que ainda de acordo com eles, esses fenômenos foram diminuindo e desaparecendo depois das construções de barragens.

Elas têm sido um grande divisor de tempo na pesca do Baixo São Francisco, daí o uso constante da expressão nos relatos “antes e depois de Xingó” em alusão a última barragem do Rio São Francisco, ou “tempo antes ou depois da CHESF” (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) para os pescadores próximos a barragem, como por exemplo os pescadores de Piranhas.

Levantamentos preliminares, feitos antes da construção de Xingó, registraram para a Várzea da Marituba (Marques, 2001) a ocorrência de 21 espécies de peixes, duas de moluscos e três etnoespécies de crustáceos (camarões). Dentre os peixes de maior importância comercial, destacava-se a “xira” (*Prochilodus argenteus*) uma espécie que alcançava maior valor de mercado nas feiras da região quando oriundas da Marituba, por apresentarem “melhor sabor” do que aquelas capturadas no rio São Francisco (Sá, 1992).

Essa espécie era tão importante comercialmente quanto culturalmente, e sobre ela os pescadores detinham conhecimentos sobre seu comportamento migratório e em diferentes fases, o que serviram de base para o estabelecimento de um modelo que explicava o padrão geral de migração e a dinâmica da reprodução da “xira” e de outros aspectos do ciclo de vida da “xira” naquele ambiente (Sá & Veras, 1993).

Infelizmente, atualmente a realidade é outra, segundo os pescadores, é coisa rara encontrar “nos dias de hoje” uma “xira” nas pescarias da Várzea da Marituba, pois ela não se cria mais na Várzea.

Uma análise do aparecimento das espécies de peixes consideradas de “fora” ou “novatas” (Quadro 15) mostra que os “cedês”, um tipo de pacu, ocupou o lugar da Xira na Marituba. Atualmente é o “tambaqui” o peixe oferecido no restaurante local cujo sabor é apreciado pelos visitantes.

Quadro 15. Lista dos peixes considerados “novatos” na Várzea da Marituba (Área I) e o tempo (anos) de seu aparecimento na área.

Nomes vernaculares dos peixes “novatos”	Há mais ou menos 12 anos	Há mais ou menos 8 anos	Há mais ou menos 3 anos	Há mais ou menos 2 anos
Cará-boi	X			
Punaré		X		
Filapa			X	
Cedê				X
Piaba-jereba *				X

* parece com o piau-preto viria dos tanques-rede.

Com o objetivo de fazer um novo levantamento da diversidade ictiofaunística presente na memória dos pescadores, foram feitas entrevistas com os especialistas que forneceram informações para o trabalho de Marques (2001).

A lista produzida foi submetida a crítica dos pescadores para que informasse sobre a abundância das espécies *folk* nos últimos dez anos, o resultado (Quadro 16) apontou que cinco espécies (xira, surubim, camurupim, carapeba e camurim) desapareceram da várzea, e uma espécie, o piau-cutia que antes ocorria em abundância, é raramente pescado. Para os pescadores, todos os peixes que desovam no rio, diminuíram muito.

Quadro 16. Percepção dos pescadores da Várzea da Marituba (Área I) quanto abundância ou diminuição dos peixes em função da barragem de Xingó.

Lista dos peixes (Nomes vernaculares)	Percepção dos pescadores quanto à presença ou ausência dos peixes depois da barragem de Xingó			
	AT (ainda tem)	DM (diminuiu muito)	ND (não diminuiu)	NT (não tem)
Aragu	X	X		
Caboge	X	X		
Candunga	X		X	
Cará-boi	X		X	
Cará-comun	X		X	
Cari	X	X		
Camurim				X *
Carapeba				X *
Camurupim				X *
Cumbá	X		X	
Jundiá	X	X		
Lambia	X		X	
Matroê	X		X	
Munçum	X		X	
Mandim				X
Niquim				X
Piranha-amarela	X	X		
Piranha-preta	X	X		
Piranha-vermelha	X	X		
Piau-branco	X	X		
Piau-cutia				X **
Pirambeba-meio-amarelada	X	X		
Pirambeba-preta	X	X		
Pirambeba-branca	X	X		
Piaba maratuba	X		X	
Piaba-mantêga	X	X		
Piaba-de-gancho	X		X	
Piaba-ôio-de-boi	X		X	
Piaba-casco-de-cavalo	X		X	
Piaba-dura	X		X	
Piaba-rala	X		X	
Piaba-de-papo	X	X	X	
Piaba-de-rio				X
Piaba-de-escama-dourada	X	X		
Pariviva = candunda	X	X		
Peixe antonho	X	X		
Robalo	X	X		
Surubim				X *
Sarapó-cobra	X		X	
Sarapó-facão	X		X	
Tubarana				X
Tabaqui ou Tambaqui	X		X	
Traíra normal ou comun	X		X	
Traíra-açu	X			
Tainha			X	X
Tubí	X	X		
Xira	X			X *

* acabou-se de vez. ** nunca mais pegou.

Quando a questão foi colocada para outras comunidades de pescadores que vivem em trechos do rio compreendendo os municípios de Porto Real do Colégio, Penedo e Piaçabuçu, observou-se um aumento no número das espécies de peixes que não tem mais no rio (Quadro 17).

Quadro 17. Percepção dos pescadores de Porto Real do Colégio, Penedo e Piaçabuçu (Área I) quanto à abundância ou diminuição dos peixes e crustáceos em função da barragem de Xingó.

Lista dos peixes e crustáceos (Nomes vernaculares)	Percepção dos pescadores quanto à presença ou ausência dos peixes e crustáceos depois da barragem de Xingó			
	AT (ainda tem)	DM (diminuiu muito)	Raro (difícil vê um)	NT (não tem)
Aragu				X
Bagre	X	X		
Boca-frita				X
Capadinho				X
Cari	X			
Curimatá	X	X		
Cumbá				X
Carapeba	X	X		
Camarão de água doce	X	X		
Lambiá amarelo				X
Lambiá branco				X
Locró				X
Mandim branco				X
Mandim armado				X
Niquim				X
Piau		X	X	
Pilombeta	X	X		
Pirambeba	X	X		
Pirá			X	
Piranha-vermelha	X	X		
Piaba	X	X		
Piaba-de serra				X
Piaba-mantêga				X
Piaba-ôio-de-boi				X
Piaba-de-papo				X
Piaba cacunda				X
Pitu		X		
Rubalo	X	X		
Sarapó			X	
Saburica	X	X		
Saburiquinha branca				X
Sulapa	X	X		
Sulapa pintada				X
Sulapa vermelha				X
Surubim		X	X	
Tilápia	X			
Traíra		X	X	
Tucunaré	X			
Tubarana			X	
Tubi				X
Xira	X	X		

A diversidade da ictiofauna é grande nas proximidades da foz, e a medida que sobe o rio tende a diminuir. No levantamento da ictiofauna realizado em maio de 1992 como subsídio ao Estudo de Impacto Ambiental (EIA) foi registrado a ocorrência de 45 espécies de peixes sendo que 46,7% das espécies pertencem a ordem Characiformes e 33,3% a ordem Siluriformes.

Segundo, ainda, esse diagnóstico 11,1% são Perciformes, 4,4% Cyprinodontiformes e Clupeiformes. Os nomes vernaculares dos peixes citados nesse EIA (Quadro 18) foram associados, para algumas espécies de importância econômica ou cultural, a abundância, origem marinha e movimentos migratórios.

Quadro 18. Lista dos nomes vernaculares dos peixes citados no Estudo de Impacto Ambiental-EIA/Xingó (1992) como ocorrentes na área de influência direta da Usina Hidrelétrica de Xingó.

Characiformes	Piaba-de-poço * Piaba-branca* Piaba-manteiga* Piaba-olho-de-boi * Piaba * (3 espécies) Tubarana-dourada * Tubarana-branca Cachorra ; Matrinchão ♦ Aragu* ; Curimatã * ♦ Pirambeba* Piranha ; Traíra Piau-preto Piau-branco * ♦ Piau Uma espécie sem nome vernacular
Siluriformes	Tubi ; Sarapó ; Caboja; Cumbá ; Porca; Pirá* Pacamã Esporapé ; Mandi-amarelo* Niquim ; Surubim* Cari ; Cari-pintado; Cari-espinho
Perciformes	Curvina-branca; Curvina; Pescada; Robalo • Tilapia-do-nilo
Cyprinodontiformes	“Os barrigudinhos” (duas espécies)
Clupeiformes	Pilombeta • (grandes cardumes); Sardinha • (esporádica)

* ocorre em grandes quantidades • espécies de origem marinha ♦ espécies que realizam migração

Na percepção dos pescadores de Traipú, Pão de Açúcar e Piranhas, as espécies que mais “sofreram” com a construção da barragem foram exatamente aquelas que dependem das águas barrentas para sua reprodução. De fato, na percepção dos pescadores, o efeito do represamento está diretamente correlacionado à diminuição da abundância de espécies como a xira, a curimatã, (Foto 28) a tubarana e o pitu o que indiretamente estaria relacionado com mudanças no período reprodutivo.

Uma lista dos nomes vernaculares dos peixes e crustáceos de interesse comercial e cultural para as áreas II e III indica a percepção dos pescadores quanto sua abundância ou desaparecimento nessas áreas (Quadro 19).



Foto: Sineide Montenegro

Foto 28. Pescador de Traipú-AL exibindo um exemplar de Curimatá na sede da balança onde os peixes são comercializados.

Quadro 19. Percepção dos pescadores de Traipú, Pão de Açúcar e Piranhas (Área II e III) quanto a abundância ou diminuição dos peixes e crustáceos em função da barragem de Xingó.

Lista dos peixes e crustáceos (Nomes vernaculares)	Percepção dos pescadores quanto à presença ou ausência dos peixes e crustáceos depois da barragem de Xingó			
	AT (ainda tem)	DM (diminuiu muito)	Raro (difícil vê um)	NT (não tem)
Camarão	X	X		
Pitu		X*		
Surubim			X	X
Pirá			X	X
Xira ou Curimatã	X	X		
Tubarana		X	X	
Pilombeta		X		X
Pirambeba	X	X		
Cari	X	X		
Piau		X		
Pacu		X		
Niquim		X		
Pacomão		X		

* Sobretudo em Piranhas e Entremontes.

Para todos os pescadores entrevistados de Traipú, a época da reprodução do pitu foi afetada pelo represamento de Xingó; antes dessa barragem, a população de pitu dessa localidade, ficava ovada duas vezes por ano: no “riponto” (chegada das primeiras águas), nas cheias e no mês de santana (referência comum no Nordeste, para o mês de julho).

Para os pescadores de Piranhas, as fêmeas de pitu ficariam ovadas no período de novembro a fevereiro, isso antes do Xingó mas depois esse período teria se estendido até maio.

As informações sobre o período reprodutivo do pitu fornecidas pelos pescadores de Piranhas são condizentes com os dados da literatura e as suas observações sobre alterações no período

reprodutivo, possivelmente relacionam-se às modificações das condições do rio após a barragem de Xingó.

A queda brusca na produção de pitu em Piranhas, poderia estar associada a interrupção do ciclo dessa espécie. Há necessidades de realizar estudos genéticos sobre a origem das populações de pitu do Baixo São Francisco, para comprovar ou não se essas populações ao longo do rio, têm uma mesma origem.

6.3. Estratégias de pesca

Estratégia de pesca é definida como uma combinação de equipamento, espécies-alvo e localização geográfica, ou então um conjunto de critérios de tomada de decisões que ligam um dado comportamento de pesca com os objetivos e adversidades que têm influenciado tal comportamento, sendo um processo interno de tomada de decisões.

Estas adversidades e limitações são impostas pelo sistema de incentivos econômicos na forma de ganhos percebidos pelos pescadores, incentivados pela demanda de mercado a procurarem sempre maiores exemplares.

Historicamente, a pesca no Brasil reflete as nossas raízes culturais: a negra, a indígena e a portuguesa. De acordo com Diegues (1983) herdamos dos índios várias coisas: o preparo do peixe para a alimentação, as flechas, os arpões, o modo de fazer as canoas, jangadas e as tapagens; dos portugueses, os anzóis, pesos de metal, redes de arremessar e de arrastar; e dos negros, a diversidade de cestos.

No Baixo São Francisco sobretudo na área da Várzea da Marituba, a pesca com flecha herdada dos índios e chamada na região de “batim”, está atualmente extinta.

Para uma análise sobre os tipos de pesca registrados na literatura para o Baixo São Francisco (Quadro 20) foram utilizados os trabalhos de Araújo (1961) sobre as populações ribeirinhas, da SUDEPE; CODEVASF (1980) sobre o diagnóstico da pesca e o de Silva et al. (1990) sobre um estudo preliminar das relações entre as comunidades humanas e os recursos naturais da Várzea da Marituba.

Quadro 20. Estratégias de pesca (tipos de pescarias) registradas na literatura relacionadas com as principais espécies de peixes e crustáceos capturadas.

Estratégias de pesca (tipos de pescarias)	Descrição	Principais espécies de peixes e crustáceos capturadas	Fonte
Rede de arrasto, ou rede de “lanço” ou “travessa”	<p>“...pesca coletiva realizada por um grupo de pescadores- nos lugares mais estreitos –riachos- usa-se a rede chamada “tresmalho”.</p> <p>É uma rede constituída por pano de malha dividido em duas partes, a manga e o copo ou saco localizado na sua parte central, onde o pescado é retirado.</p>	<p>Não cita</p> <p>Surubim, dourado, mandi, curvina, piau, piranha, pirá, carí, bodó.</p>	<p>Araújo (1961)</p> <p>SUDEPE / CODEVASF (1980)</p>

continua

	<p>Confeccionada com fio de nylon variando de no. 0,40 a 0,50. O tamanho das malhas diminui na direção do copo variando de 10 a 16 cm. As tralhas são de nylon de números 100 a 200 apresentando uma série de bóias na parte superior e chumbadas na inferior. O comprimento varia de 100 a 200 metros.</p>	Xira	Silva et al. (1990)
<p>Rede de espera ou “travessa”.</p> <p>Rede de espera</p>	<p>É colocada na rejunta da maré e tira-se na preamar. Fica 6 horas no rio. É colocada à noite e retirada pela manhã. O lugar preferido para se colocar a rede é uma “pernada do rio” (braço do rio).</p> <p>É o aparelho de pesca mais usado no Baixo São Francisco e todo o vale; é constituído das seguintes partes: <u>Panagem:</u> é um tecido de malhas confeccionadas de fibras naturais ou artificiais (linhas de nylon de número 0,20 a 0,50); tem comprimento em torno de 80 metros com altura de aproximadamente 2,50 metros e malhas variando entre 12 a 16 cm; <u>Tralha:</u> são linhas de nylon de números 1,00 a 2,00 que prendem a panagem na parte superior e inferior; <u>Boías:</u> são fixadas na tralha superior em número de 50 a 70 para cada rede; <u>Chumbada:</u> peso fixos na tralha inferior. Quantidade de chumbada varia de acordo com a profundidade em que se deseja posicionar a rede (superfície, meia água, raramente fundo).</p>	<p>Curimatã, surubim, dourado, piranha, cari, matrichã, pacomã, curvina, piau, pacu.</p>	<p>Araújo (1961)</p> <p>SUDEPE / CODEVASF (1980)</p>
Rede de Travessia	<p>Existe vários tipos de rede de travessia: malha vinte, tresmalho (malha 6 e 4), caceia (1 palmo de malha), rede grossa, malha-sete (1/2 malha). As redes possuem cortiça na sua parte superior e as chumbadas, na inferior. <u>Antes se fazia chumbada de lama do brejo, pra rede grossa, mas agora está praticamente fora de uso, a preferência é por “chumbos da praça” comprados nos centros urbanos.</u></p>	<p>Cará-boi, camurupim, cumbá matruê, piranha-amarela. Piranha-preta, piranha-vermelha, piau-branco, Piau-preto, piau-cutia</p>	Silva et al. (1990)
“Lambuda” **	<p>Tipo de malhas estreitas, proibida e que sobre ela exercem grande vigilância os fiscais e encarregado da capatazia do porto de Piaçabuçú.</p>	Não cita	Araújo (1961)
“Gamboa” **	<p>Tipo de rede de espera, feita de malha bem como de esteira. É estendida à altura do nível normal do rio. Com a maré enchente, os peixes entram e ao baixar a maré, ficam ali presos.</p>		Araújo (1961)

continua

continuação

Tarrafa	<p>Rede circular tendo nas bordas da “saia” pedaços de chumbo que fica preso a mão do tarrafeador. O pescador atira migalhas n’água, os peixes se reúnem para comer, e então, armando a tarrafa, segurando entre os dentes uma ponta da “barra da saia” com as mãos lança-a sobre a flor d’água, procurando abri-la o mais possível. Com o peso das chumbadas a “barra da saia” da tarrafa afunda-se fechando-a e prendendo no seu interior os peixes. Em geral é feita de fibras de tucum.</p> <p>É uma rede de forma cônica com a circunferência inferior medindo aproximadamente 3 metros de diâmetro; malha em fio de nylon de números 0,20 a 0,60 com malha de 10 a 12 cm (entre-nós de malha esticada)</p>		<p>Araújo (1961)</p> <p>SUDEPE / CODEVASF 1980</p>
Jereré	<p>Arco de madeira, de mais ou menos um metro de diâmetro onde colocam uma rede de malha fina bastante frouxa fazendo uma curva, chamada “barriga”. No jereré há um cabo de madeira, as vezes atinge 3 metros de comprimento. Usado em águas mais profundas.</p>		Araújo (1961)
Puçá	<p>Semelhante ao jereré, mas sem o cabo, sendo usado em águas rasas.</p>		Araújo (1961)
Tapagens	<p>Ocorre mais nos riachos. Consiste em cercados feitos de taquara que vão de uma margem a outra do rio.</p>		Araújo (1961)
Covo	<p>Pequena cesta de taquara com uma entrada fácil para os peixes, mas a saída lhes é obstada por meio de taquaras pontiagudas.</p>	Camarões, pitus e peixes grandes	Araújo (1961)
Pescaria de lanço	<p>É um tipo de pescaria coletiva, 8 a 9 pessoas; três pessoas vão numa canoa grande, com uma rede, uma vai remando e os outros armando a rede (um na corda do chumbo e o outro na corda da cortiça) As outras pessoas ficam dentro d’água, ou então em canoas, longe das que estão com a rede. Depois que a rede está armada forma-se um semicírculo, o cerco.</p>	Pirambeba-branca	Silva et al. (1990)
Batim	<p>Pesca com flecha, herdada dos índios, é mais rara e está entrando em desuso. Na ponta da flecha coloca-se uma espécie de fisga- o batim. Usa-se quando o rio está cheio.</p> <p>Apreto de uso tradicional, é uma flecha, é um ferro, com três barbelas; é uma espécie de lança, comprida com um fisgo relativamente grande numa das extremidades. A pesca é só onde tem junco.</p>	<p>Não cita</p> <p>Xira, traíra, pirambeba, jacaré e cágado. Só peixe grande, de meio quilo por diante</p>	<p>Araújo (1961)</p> <p>Silva et al. (1990)</p>

continua

continuação

<p>Pesca com a “pedra de arapuí” e raízes de <i>tingui</i></p>	<p>Características das lagoas da Marituba. Arapuí é uma abelha que faz sua colmeia de barro. A pedra é moída e atirada na água, os peixes comem devido aos restos de mel, e logo viram de barriga para o ar. Comem aquele pó de pedra de arapuí e já vêm mortos à flor d’água. A pesca com raiz de <i>tingui</i> de origem indígena é feita amassando – a e lançando-a na água; os peixes vem tontos a flor d’água.</p>		<p>Araújo (1961)</p>
<p>Caceio</p>	<p>É uma rede de emalhar semelhante a rede de espera, diferindo na forma de utilização, pois a rede de espera funciona fixa, enquanto que a rede de caceio é lançada no rio deixando movimentar-se livremente no sentido da corrente. No caceio são utilizadas redes com panagem de números 0,30 e 0,60 chegando até mais de 200 metros de comprimento. É um tipo de rede de travessa com 1 palmo de malha.</p>	<p>Curimatã, cari, pirá, traíra e matrichã.</p>	<p>SUDEPE / CODEVASF (1980) Silva et al. 1990</p>
<p>Pescaria de manjuba</p>	<p>São utilizados vários galhos, de mais ou menos 1 metro, de plantas como murici, curiri e gobiraba; os galhos é com folha e tudo.. São usados de 10 a 20 galhos para se fazer uma manjuba. No meio dessa moita improvisada coloca-se uma outra vara raspada, sem galhos, de comprimento maior, para que fique com mais ou menos 40 cm acima da superfície d’água. Nesta vara é fincado um pedaço de mandioca recém colhida, e cupim (pedaço de cupinzeiro), retirado das moitas das proximidades. Raspa a mandioca, enfia na vara, e bota o cupim por cima da mandioca. De acordo com os pescadores, a mandioca e o cupim em contato com a água começa a “apodrecê” e a “cheirá , fedê”. Esses galhos são enfiados em lugares rasos. Os pescadores levam várias “manjuba” dentro da canoa, e são colocadas uma distante da outra em aproximadamente 9,5 palmos ou 2,20 metros. Quando a varinha da balançando joga-se a tarrafa.</p>	<p>É mais pra pegá piau-preto, mas pega também traíra Bambãzinha, piaba e pirambeba pequena.</p>	

continua

continuação

Groseira	<p>Consiste em grandes cordas às quais se acham ligados anzóis em crescendo número, imersos na água e presos ao alvo do rio por grande pedras.</p> <p>Apetrecho tradicional na várzea da Marituba, consiste numa corda grande, cujas extremidades ficam amarradas em pés de aninga (<i>Araceae</i>). A esta corda ficam acoplados 25 a 20 anzóis, dependendo do tamanho da corda. Os anzóis são colocados entre si a uma distância de um a um metro e meio. Numa das pontas desta corda amarra-se um chocalho pequeno e o pescador fica um pouco afastado, esperando. Quando o peixe puxa a corda, o chocalho balança. Usa-se piabas como isca.</p>	<p>Piranha, tubarana, pirambeba; só pega peixe de dente. A retirada dos peixes é quase que imediata por causa da ação dos jacarés.</p>	<p>Silva et al. 1990</p>
Curral/Chiqueiro	<p>Quando a maré está baixa e se descobre uma grande extensão, os pescadores ficam paus, fazendo uma verdadeira cerca, onde há pequenos labirintos, é o curral de peixes ou chiqueiro de peixes.</p>		<p>Araújo (1961)</p>
Cuvu	<p>É uma espécie de cesto, em cujo fundo há um buraco por onde o pescador enfia a mão e o braço. Por ocasião da vazante o pescador ao avistar um peixe, procura cercá-lo rapidamente, colocando o cuvú em cima. É mais para a pescaria de brejo.</p> <p>É um apetrecho de pesca em forma de um cone, constituído de varas finas, retiradas de dois tipos de plantas, a batinga ou a “melanha de soia”. A amarração era feita de tirara, mas a opção pelo fio de plástico está tomando seu lugar.</p>	<p>Bambã, traíra, piranha, muçum.</p>	<p>Araújo (1961)</p> <p>Silva et al. (1990)</p>

No rio, a “pesca de mar” também é feita principalmente, nas proximidades da foz onde os peixes do mar entrando com a maré fazem os pescadores que esperam por esse momento, colocarem seus apetrechos de pesca de acordo com os tipos de peixes.

Há quarenta décadas atrás, o tipo de pesca noturna conhecida como “ingarêia”⁵ na região de Piaçabuçu só existe hoje na memória dos pescadores mais velhos, da mesma forma que o “marinho” e a “lambuda”, todas essas foram consideradas como predatórias pelos pescadores.

6.3.1. Peixes

A pesca de covos para peixe foi citada por pescadores de Penedo, como “desaparecida” nesses últimos anos. No relato deles, percebe-se que havia antigamente, vários tipos de covos cujas talas eram provenientes de diversos vegetais (marmeleiro, taboca e bambu) inclusive um tipo

⁵ “ingarêia”- Descrita em Araújo (1961) como pesca noturna onde um pano branco ou rede era colocado na canoa, e o pescador sentava-se no fundo colocando um foco luminoso a refletir no pano branco; os peixes, devido à luz, ao saltarem batiam no pano e caíam na canoa quando então o pescador com um pedaço de pau, dava cacetadas para evitar que o peixe retornasse para a água.

específico de covo para pesca do “cumbá” (*Parauchenipterus galeatus*) chamado de “cumbazeiro”.

Associado as estratégias, está todo um conhecimento sobre o comportamento da presa, as áreas de pesca, e o modo como a pesca se dá incluindo a divisão do pescado. O uso de expressões tais como: “o carujo do peixe” – modo como o peixe sobe a superfície para buscar o oxigênio, e o “peixe tá manjubando” - peixe pegando outro peixe para comer - são alguns exemplos da grande riqueza de conhecimento acumulados por essa comunidade que podem servir de subsídios para projetos alternativos de manejo.

Com a diminuição de várias espécies de peixe no rio São Francisco se perde também aos poucos a maneira como se pesca e conseqüentemente os conhecimentos não são repassados e aprendidos pelos mais jovens levando ao desuso do método de capturar os peixes. A pesca da pilombeta era praticada por todo o Baixo São Francisco inclusive em Piranhas onde foi possível entrevistar um pescador antigo que gostava desse tipo de pescaria.

Há muitas décadas que não ocorre mais, por ocasião da construção de Xingó foi possível ainda registrar a ocorrência de uma espécie, hoje está completamente desaparecida. Em Traipú ainda se pesca pilombeta, mas em pouquíssima quantidade, já em Piaçabuçu pode ser ainda considerada uma pescaria típica, embora todos os pescadores entrevistados sejam unânimes em dizer que a produção está em declínio.

A rede de pilombeta é peculiar (Foto 29 A) de malha bem fininha, sendo comum os pescadores colocarem penduradas nas árvores após a pesca (Foto 29 B). Depois de tratada (Foto 30), toda a produção é comercializada para restaurantes e estados vizinhos.



Foto: Sineide Montenegro



Foto: Sineide Montenegro

Foto 29. “Redes de pilombetas” de pescadores de Piaçabuçu-AL: maneira de “guardar” as redes depois da pesca (A); pescador de pilombeta exibindo uma rede (B).



Foto: Sineide Montenegro

Foto 30. Pilombetas prontas para a comercialização.

A rede de travessa ou travessia (Foto 31), é ainda usada por muitos pescadores exigindo que o pescador esteja sempre acompanhado.

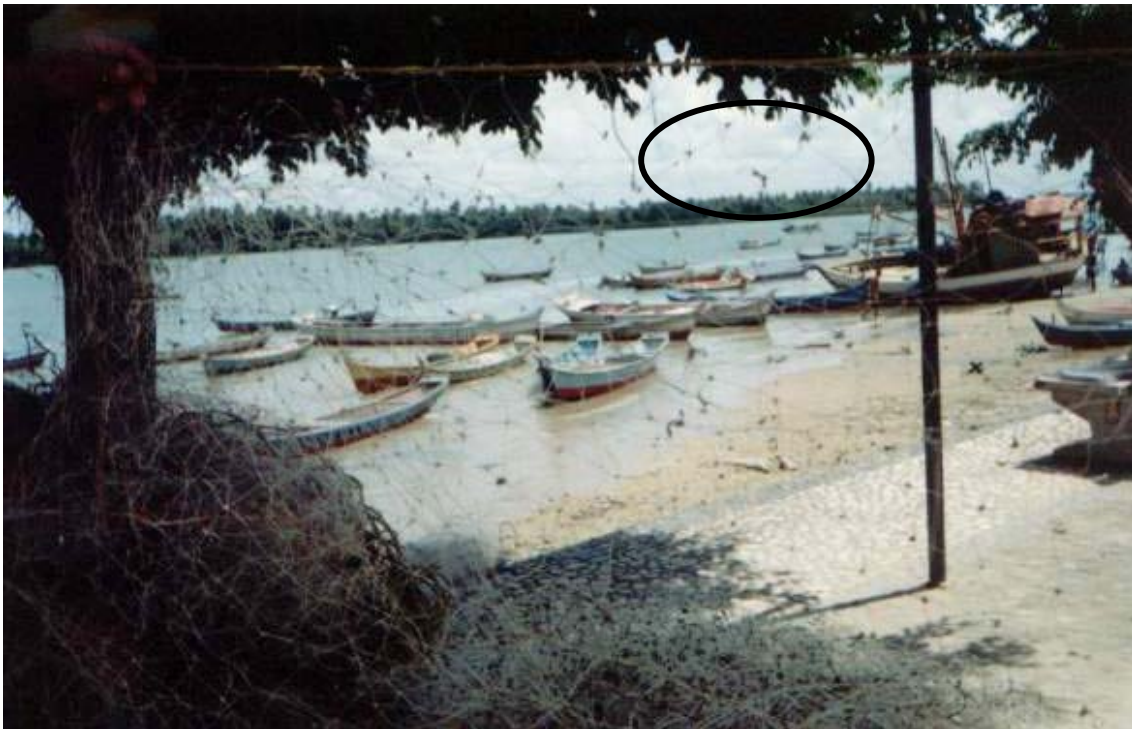


Foto: Sineide Montenegro

Foto 31. “Rede de travessa” apetrecho de pesca utilizado por pescadores do Baixo São Francisco mostrando a distância dos entre-nós característico dessa rede.

A “tarrafa” (Foto 32) parece ser um apetrecho preferido do pescador e foi registrado que alguns pescadores preferem utilizar a “tábua de bolina” (Foto 33) como guia ao invés de ter a companhia de outro pescador para ajudá-lo na pesca.



Foto: Sineide Montenegro

Foto 32. “Tarrafa” - apetrecho de pesca usado por pescadores do Baixo São Francisco.

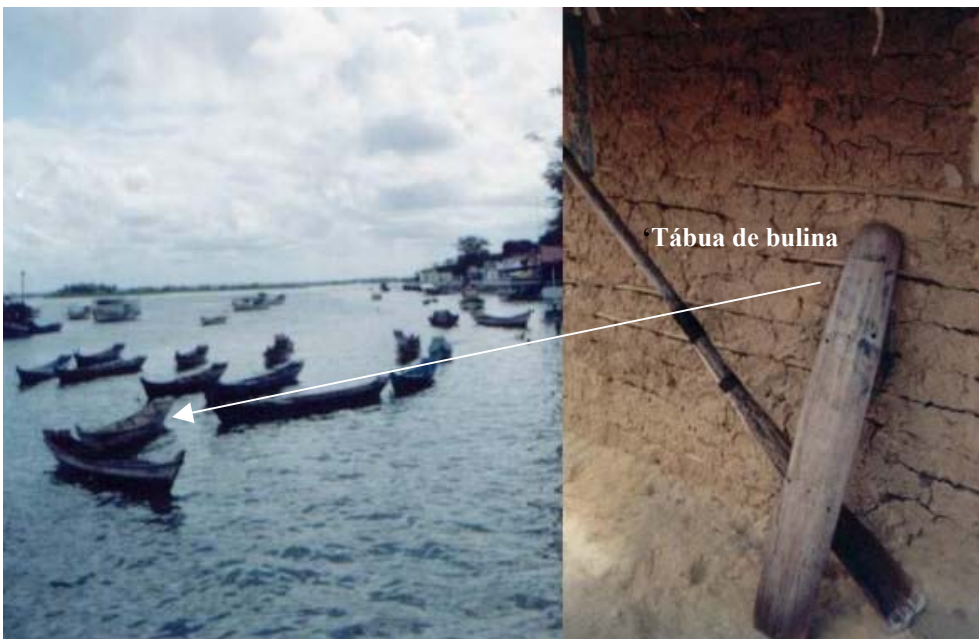


Foto: Sineide Montenegro

Foto 33. Tábua de bulina- instrumento colocado na proa da canoa servindo como guia a alguns tarrafeadores que dispensam companhia de outro pescador.

Para muitos pescadores, esse fato é um indicativo de egoísmo, significando falta de amizade e cooperação, o que poderá gerar conflitos. Da mesma forma ser dono de um “chiqueiro” (Foto 34 A) - tipo de curral usado apenas por alguns pescadores das Ilhas próximas a foz (Fitinha, das Cobras) – significa que o pescador detém sozinho a produção, pois “chiqueiro” é ruim pois só dá pra “um”. Já o apetrecho conhecido como “cuvu” (Foto 34 B) restrito ao trecho de Porto Real do Colégio a Pixaim na foz, está quase em desuso.



Foto: Sineide Montenegro



Foto: Sineide Montenegro

Foto 34. Apetrechos de pesca do Baixo São Francisco: (A) “chiqueiro” de taquara, espécie de curral característico de áreas próximas da foz; (B) “cuvu” - típico de pescaria de brejo.

Os tipos de pescarias utilizados nos trechos do rio que compreende Porto Real do Colégio a Piaçabuçu (Quadro 21) se apresenta bem diversificado em função da maior diversidade de espécies e tipos de habitats.

Quadro 21. Apetrechos de pesca (estratégias) que foram citados pelos pescadores do trecho do rio compreendendo Porto Real do Colégio, Penedo e Piaçabuçu (Área I) e os nomes vernaculares dos peixes e crustáceos capturados.

Apetrechos de pesca citados pelos pescadores	Peixes e Crustáceos
Linha de Mão	Rubali
Anzol	Matrue, Piau, Rubali
Caceia	Carapeba, Cambiru, Rubalo, Tainha, Piau
Covo	Camarão, Pitu
Curral	-
Cuvú	Traíra, piranha, piau
De Mão	Piau
Espinhel	Xaréu
Groseira	O que pega
Gué (anzol e vara)	Piau
Jeréré (puçá)	Siri
Lambuda	Extinta
Pesca de Bater	Todo tipo de peixe
Pituca	Siri
Rede	Bambá, Tainha
Rede de Caceia	Pirambeba, Carapeba, Piau, Robalo, Pacu, Piaba
Rede de Espera	-
Rede de Linha	-
Rede de Nylon Seda	-
Rede de Pilombeta	Pilombeta
Rede de Plástico (nylon seco)	Carapeba, Cambiru, Rubalo, Tainha

continua

continuação

Rede de Travessia	Piau
Rede de Tucum	Extinta
Tarrafa	Rubali, Cari, Bamba
Vara de Anzol	

Para Traipú foi observado o maior uso da “rede de travessia” e “caceia” (Quadro 22) enquanto que para Delmiro Gouveia as citações dos tipos de pescaria foram correlacionadas ao tempo “antes e depois de Xingó” (Quadro 23).

Quadro 22. Apetrechos de pesca (estratégias) que são utilizados pelos pescadores de Traipú-AL (Área II) e os nomes vernaculares dos peixes e crustáceos capturados.

Apetrechos de Pesca (Estratégias)	Tipos de peixes e crustáceos (Nomes vernaculares)
Rede de Travessia	Pirambeba, Traíra, Cará, Piau, Tucunaré, Sarapó.
Caceia	Pirambeba, Carapeba, Piau, Robalo, Pacu, Xira, Niquim, Piaba.
Tarrafa	Tucunaré, Piau, Robalo, Cari.
Covo	Pitu, camarão.
Anzóis (Espinhel)	Piranha, Piau.
Rede de Pilombeta	Pilombeta
Arpão	Robalo
Cuvu	Traíra

Quadro 23. Apetrechos de pesca (estratégias) utilizados pelos pescadores de Delmiro Gouveia e Olho d’Água do Casado (Área III) antes e depois da represa de Xingó e os nomes vernaculares dos peixes capturados.

Apetrechos de pesca (estratégias) usados antes da represa Xingó	Tipos de peixes capturados (nomes vernaculares)	Apetrechos de pesca (estratégias) usados depois da represa Xingó	Tipos de peixes capturados (nomes vernaculares)
Gasuim Groseira Tarrafa Rede de nylon (seda) malha 18, 20 e 22. Caceia - descrita como linha mais anzol preso no arame e este preso na linha. O pescador ficava pulando de pedra em pedra. A jia era usada como isca.	Tubarana Mandim Tubarana Tubarana Tubarana	Linhada ou pointa- a cada braça coloca-se 2 a 3 anzóis. A isca usada é camarão, piaba, minhoca. Rede de espera – possui de 50 a 80 metros de comprimento, 2 a 3 metros de altura, com malha de 5 a 18 cm. Arpão	Corvina, pirambeba, traíra, piranha. Corvina, piranha, piau, traíra, curimatá, e raramente pacomão. Tucunaré e curimatá.

A partir da descrição do pescador foi feito o desenho esquemático do apetrecho chamado de “gasuim” (Figura 31) usado próximos a cachoeiras para capturar tubarana.

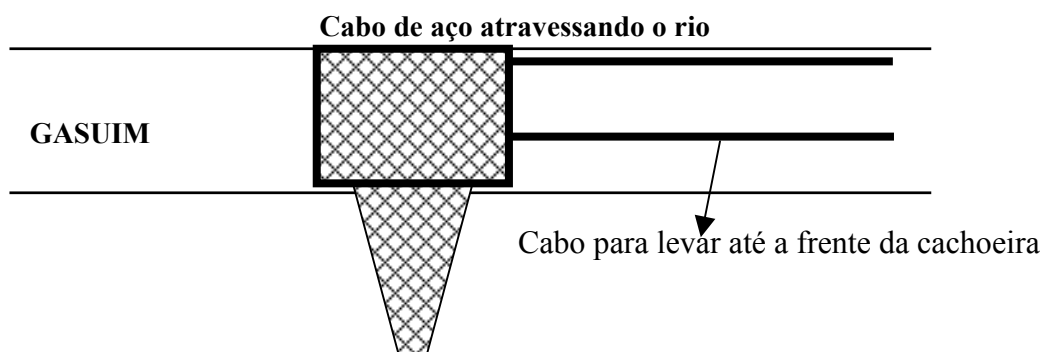


Figura 31. “Gasuim” - Apetrecho de pesca utilizado na pesca da tubarana em áreas próximas a cachoeira dos Veados em Piranhas – AL, antes da construção da represa Xingó.

6.3.2. Camarão e/ou pitu

A pesca do “camarão” de água doce (*Macrobrachium acanthurus*) ocorre principalmente nos municípios de Piaçabuçu (Penedinho), Traipú, Pão de Açúcar e Belo Monte. Em outros trechos é mais intensa a pesca do pitu (*Macrobrachium carcinus*).

Ambas são feitas com o apetrecho de pesca conhecido como “covos” (Foto 35 - A) mas antigamente a pesca era feita com o jereré (Foto 35 - B) que ainda é muito usado para a pesca da saburica, um tipo de camarão pequeno do gênero *Macrobrachium*.



Foto: Sineide Montenegro



Foto: Sineide Montenegro

Foto 35. Apetrechos de pesca de camarão: (A) covos de taboca; (B) jereré de cabo.

Para o camarão, a estratégia utilizada em Penedinho e Traipú é a do tipo “covo com vara”, onde o covo é preso a uma vara e depositado no fundo do rio. Há pescador que deixam as varas expostas indicando as áreas de pesca, já outros mantêm as varas afundadas ficando as áreas registradas apenas nas memórias.

Esse tipo de comportamento é uma estratégia para evitar roubo ou despesca por outros pescadores, e tem gerado conflitos na área. De acordo com os pescadores de Penedinho, o

camarão gosta de cheiro, por isso, a isca utilizada é completamente diferente da usada na captura do pitu.

O preparo dos bolinhos de pó de arroz (farelo) e batata é tarefa, em geral, desempenhadas geralmente por crianças que a transforma em atividade lúdica. Os bolinhos são depois assados em forno de lenha. As crianças filhos e filhas de pescadores têm uma participação, juntamente com a mãe, na limpeza do camarão, cabendo a elas a tarefa da retirada da cabeça e da limpeza da lama proveniente da pesca.

Depois desses procedimentos, o camarão é fervido na água com sal, e vendido por litro em feiras livre. Cada litro custa em torno de US\$ 0,30.

Em Penedinho, na pesca do camarão as iscas usadas são: laranja, limão, siri cortado e até mocotó de boi. No entanto, em Piranhas, a isca mais utilizada para capturar o pitu, é o peixe-morto, de preferência o piau-cutia (*Leporinus* sp.) e o cari (*Hypostomus* sp.); o surubim (*Pseudoplatystoma coruscans*) não é considerado uma boa isca, e o “pacamão” (*Lophiosilurus alexandri*) por soltar um “lodo” e ter um cheiro que afasta o pitu, também não é usado com muita frequência. O coco com casca e a mandioca foram citados, mas sendo de uso raro.

A pesca do pitu no Baixo São Francisco é exercida por homens, sendo que cerca de 75% exercem-na solitariamente, e os outros 25% em parcerias com parentes. Há duas estratégias de pesca usada pelos pescadores, que nomeiam o ato de colocar os covos na água, de “arreio de covos”: a do arreio de “groseira” e o arreio de “covos soltos” (Foto 36 A e B).



Foto: Sineide Montenegro



Foto: Sineide Montenegro

Foto 36. Pescador exibindo covos prontos para uso: arreio tipo “covos soltos” (A); arreio tipo groseira (B).

Os covos são transportados em canoas a remo e raramente, o transporte é feito a motor; são lançados na água geralmente ao entardecer e ao amanhecer, a produção dos “pitus” nos covos é recolhida. Essa atividade dura, em média, duas a três horas e meia dependendo do número de covos, do tipo de estratégia utilizada e do local escolhido.

A produção de “pitu” obtida em cada despesca é repassada de imediato ao intermediário, conhecido na região como atravessador ou cambista (às vezes pombeiro); se o pescador dispõe de freezer (raro) poderá congelar o produto para vendê-lo posteriormente.

Quando a produção é entregue a intermediários tais como dono de bar, pescador, comerciantes, estes podem funcionar como um simples atravessador, ou desempenhar uma função de “parceiro”, financiando os covos e combustível (caso de barco a motor), sob a condição do pescador destinar-lhe a venda de sua produção, geralmente a um custo que atinge a metade do seu valor usual.

Os pitus são vendidos por quilo, sendo o pescado mais caro, e podendo custar, dependendo da época, até US\$ 7,00 na compra direta ao pescador.

Os covos dispostos em groseira, amarrados a uma corda, podem ser lançados na água em forma de círculo e colocados em fundo de cascalho de preferência em locais no meio do rio, já os covos soltos é mais na “berada” ou “beirão-d’água”. Na estratégia “covos de groseira”, o número de covos amarrados varia dependendo da escolha do local, do conhecimento e da habilidade do pescador.

Em Piranhas onde produção de pitu era enorme, atualmente a pesca está em declínio, os locais mais produtivos de pitu, de acordo com os pescadores estariam associados a áreas com “águas duras” (correntezas) exigindo muita experiência para lançar o “arreio com número certo de covos”, evitando as perdas.

O número de covos por pescador varia bastante, dependendo de vários fatores tais como: tipo de estratégia usada, condições de água (“suja” ou “limpa”) e condições econômicas do pescador.

Alguns pescadores combinam as duas estratégias, “covos soltos” e covos em “groseiras”, e a maioria é unânimes em afirmar que a primeira é mais produtiva que a última, mas por ser mais trabalhosa, acabam optando pela “groseira”.

6.4. Bases conexas

Para entender como os pescadores estão se conectando atualmente com o ambiente, é necessário primeiramente entender como eram efetuadas as relações no passado e acompanhar as mudanças ambientais.

A pesquisa de Marques (1995), há dez anos atrás, os pescadores da Várzea da Marituba do Peixe, tinham fortes conexões vegetais sendo o número total de plantas usadas na pesca para confecção de covos e iscas correspondente aproximadamente a 52 % das plantas utilitárias.

As conexões que os pescadores faziam com os componentes botânicos eram diversas e não estavam relacionadas apenas com os apetrechos pesqueiros, mas também com o lazer, a cura, o artesanato e a alimentação. Atualmente o uso das plantas na pesca artesanal vem sendo substituído por telas de nylon ou canos de PVC (Quadro 24).

Quadro 24. Uso de plantas na pesca artesanal dos pescadores de camarões de água doce do Baixo São Francisco.

Nome popular	Taxonomia	Parte útil e finalidade	Área de estudo	Situação no passado e no presente
Taboca	Poaceae	Tala (caule) para fazer covos	Penedo, Porto Real do Colégio, Piaçabuçu, Traipú, Pão de Açúcar e Piranhas.	Há uma década era predominante o uso da taboca como matéria-prima na confecção dos covos de todo o Baixo São Francisco. Nos últimos anos vem sendo substituído por “tela” nas áreas I e II e por cano de PVC na área III.
Piaçaba ou Piaçava	<i>Attalea funifera</i>	Folha para fazer covos	Piaçabuçu	Ainda em bastante uso na comunidade de Penedinho (Piaçabuçu.), cerca de 60% dos covos.
Taquara	<i>Poaceae</i>	Tala (caule) para fazer covos	Piaçabuçu, Traipú, Pão de Açúcar e Piranhas	Uso em pequena quantidade, praticamente em desuso.
Mororó	<i>Bauhinia</i> sp	Tala (caule) para fazer covos	Entremontes distrito de Piranhas	Uso específico nesse distrito, cerca de 26 % dos covos.
Dendê	<i>Elaeis</i>	Tala (caule) para fazer parte do covos (funil) e o covos inteiro.	Piaçabuçu	Representa cerca de 15% dos covos confeccionados em Penedinho, Piaçabuçu

Os pescadores mais antigos afirmam que os covos de “taboca” (Poaceae), eram os de maior utilização em todo o Baixo São Francisco, dada a disponibilidade da matéria prima utilizada na sua confecção.

No final de 2002, a situação do rio, sem as cheias, levaram as águas a permanecerem sempre claras, o que na percepção dos pescadores, causou prejuízos com maior perda de covos por ataque ou destruição destes pelos predadores identificados como: o “piaucotia” (*Leporinus* sp.) “os cágados” (*Phrynos* sp.) e a “lontra” (*Lontra longicaudis*).

Toda essa problemática está sendo resgatada para uma observação mais acurada sobre as possíveis “inovações” surgidas a partir dessas modificações ambientais. É exatamente a combinação do tipo de estratégia, do tipo de ambiente (água suja ou água limpa) utilizada

tanto para os camarões quanto para peixes que levam o pescador à maximização da captura dos pitus.

Dessa forma foi verificado que na área I e II de estudo, os covos de taboca vem sendo substituído pelos covos de “tela” e na área III pelos covos de PVC (Foto 37 A e B).



Foto: Sineide Montenegro



Foto: Sineide Montenegro

Foto 37. Aparelhos de pesca conhecidos como “covo” confeccionados com matérias-primas novas: (A) “covo de tela” (B) covo de PVC.

Em Piranhas e Entremontes a confecção de covos de PVC está bastante difundida e reflete uma ação individual iniciada há quase dez anos por um pescador que depois foi imitada por outros pescadores que construíram cada um, sua própria experiência com o novo “invento” (Foto 38).



Foto: Sineide Montenegro

Foto 38. Pescador de pitu do distrito de Entremontes, Piranhas-AL confeccionando covos de PVC (A); covo pronto e esteira (B).

Se há inovações com sucesso, há também o uso de matéria-prima considerada ineficiente, como por exemplo o uso de garrafas plásticas de refrigerante como covos (Foto 39) na área I

(Penedinho) devido mais à situação de pobreza em que se encontra os pescadores dessa região.



Foto: Sineide Montenegro

Foto 39. Uso de garrafas plásticas de refrigerantes como “covos” na região próxima de Piaçabuçu- AL.

Isto fica evidente nos depoimentos dos pescadores, onde reconhecem que a “garrafa pet” não pode ser considerada apetrecho de pesca tendo consciência dos danos que a mesma causa o ambiente.

6.5. Descrição da pesca em 2002

A pesca artesanal considerada como uma fonte de alimento e sustento para as populações de pescadores, está longe de se constituir um futuro sustentável. Várias e múltiplas são as pressões econômicas, ecológicas e culturais a que essa atividade está submetida, o que vem afetando enormemente a sua manutenção.

A atividade de pesca desenvolvida ao longo do Baixo São Francisco está em franca decadência por várias razões: ausência de chuvas, o barramento de lagoas marginais, a poluição oriunda de atividades agrícolas, a incompatibilidade entre a operação das barragens e as necessidades ecológicas de vazão entre outros.

Toda essa situação acima citada, associada à precariedade em que vive e atua a categoria dos pescadores, tem sido a razão pra muitos dos casos de uma extração inadequada do pescado, comprometendo os estoques já vulneráveis.

Na percepção dos pescadores a ausência de cheias e vazantes é a principal causa do desaparecimento e aparecimento de espécies no rio. A lista dos fenômenos ênicos percebidos pelos pescadores (Foto 40) explicam, numa linguagem simples as mudanças ocorridas depois da construção das barragens.

Muitos desses fenômenos ainda podem ser pesquisados para uma contextualização melhor da pesca, uma vez que envolve uma rede de interações e uma nova dinâmica para o rio.

O tempo das “águas limpas” que reflete a condição das águas está associado a uma redução do volume d’água deixando muitas áreas descobertas (Foto 40 A e B) reduzindo os habitats das espécies de peixes e dos camarões.

Foi registrada, em Piaçabuçu, uma pesca em grande quantidade de siri (Foto 40 C) inserindo no contexto da pesca uma nova forma de comercialização, antes só vendia-se o siri cozido, hoje as mulheres se organizaram e produzem também o siri “dispinicado”.

Os barramentos produzem impactos negativos na fauna aquática, particularmente sobre a ictiofauna, reduzindo os estoques pesqueiros de espécies autóctones de piracema de valor comercial.

Por essa razão, a conservação do recurso exige a adoção de programas de manejo ainda mais intensos, e para superar o problema, os órgãos responsáveis por essa situação, apresentam a incorporação da aquicultura às atividades de pesca do pescador artesanal, o que o tornaria um pescador-aquicultor.

Contudo, a aquicultura não faz parte da cultura tradicional do pescador, envolvendo habilidades e significados que estão bem distantes daqueles nos quais a pesca está inserida, além do que o estado de desorganização social em que se encontram as colônias, não contribuem para o sucesso de uma atividade que exige um associativismo muito bem estruturado.

Mas, o que fazer diante do “tempo do ecoturismo” e do “tempo dos tanques-rede”? A questão ambiental exige que a integração de saberes, de visões, de concepções diferentes sejam integrados e contextualizados, pois as interações entre sociedade e natureza são indissociáveis das relações que os homens mantêm entre si, e os fatos ecológicos são também indissociáveis dos fatos sociais.

A urgência de um planejamento participativo que atenda às necessidades dos diversos segmentos sociais, sobretudo dos mais marginalizados no processo de degradação dos recursos naturais, exige a valorização do patrimônio cultural e natural e uma reorientação do modelo de desenvolvimento.

Foto: Sineide Montenegro



Foto: Sineide Montenegro



Foto: Sineide Montenegro



Descrição êmica dos eventos decorrentes da ausência de cheias

- 1) “... hoje tem mais peixe do mar que do rio, antes entrava pouco..”
- 2) “... no tempo da “água suja” o peixe não sabia o que era uma rede, agora ele já vê de longe..” (“tempo de água limpa”)
- 3) “... a xira tem muita... mas apareceram uma planta “rabo-de-raposa”, aí acabou-se...”
- 4) “... antes da barragem não tinha “rabo-de-raposa”, é um mato que nasce no fundo do rio e vem subindo, crescendo... tem de dois a quatro metros...”
- 5) “... tem um tipo de lodo que a Xira tá comendo e tá morrendo, quando a gente parte a barriga dela tá cheio de lama... a bichinha morre...”
- 6) “... hoje tem mais peixe do mar que do rio, antes entrava pouco... o siri de dois anos pra cá tá dando mais...”
- 7) “... quando a água melava os peixes desovava, aí tinha condições de criar filhotes; com a água “fina” (limpa) os peixes de dente come os filhotes...”
- 8) “... a falta de cheia acabou com os alagados onde os peixes desovavam...”
- 9) “... hoje acabou-se a limpeza do rio, as cheias levava o “cabelo bem pra longe...”
- 10) “... sem as cheias as espécies que dão na água barrenta sumiram...”.

Foto 40. De acordo com os pescadores, o “tempo Xingó” no Baixo São Francisco tem deixado áreas descobertas: próximo a Xingó (A); em Piranhas (B) e aumentado a quantidade de siris (C).